

mineral e à relativa falta de informações que impossibilitaram a definição de um esquema geológico evolutivo satisfatório. São aqui apresentadas informações obtidas, bem como algumas interpretações acerca dos domínios litológicos e das estruturas regionais aí presentes. A reunião de uma grande diversidade de tipos litológicos sob a denominação de Complexo Campos Gerais, embora tenha atendido às necessidades dos levantamentos geológicos de escalas regionais, vêm dificultando atualmente, o entendimento do quadro geológico-tectônico da região. Baseados na interpretação de imagens LANDSAT-TM e MSS, em levantamento de campo e na integração dessas informações com os conhecimentos anteriores, adotaram-se os conceitos de domínios de associações litológicas. Foram reconhecidos os seguintes domínios na área em questão: terrenos granito-**greenstone**, migmatíticos, gnáissicos e de paragneisses, granitos isolados e coberturas metassedimentares. O padrão estrutural de megacala da região é composto por falhas transcorrentes extensas ($> 80\text{km}$) e por grandes estruturas como produtos de deslocamentos longitudinais relativos de grandes blocos ($100 \times 40 \text{ km}$) originando na cobertura, dobramentos do tipo **sheath folds** ou **dobras em bainha**, com deslocamentos importantes nas porções frontais, e nos limites dos blocos, falhas transcorrentes e inversas de grande envergadura e megadobras de arrasto. Esses deslocamentos teriam se efetivado de modo progressivo resultando num movimento geral de sentido sinistral. No domínio granito-**greenstone**, ocorrem padrões típicos de granitos ovalados envoltos por rochas vulcânicas como são conhecidas no sul da África.

PROCESSOS GEOLÓGICO-EVOLUTIVOS NA PORÇÃO SETENTRIONAL DO CINTURÃO RIBEIRA E NA ÁREA ESTÁVEL ADJACENTE

Job Jesus Batista
DMRM-UNESP-Rio Claro

As feições tectônicas, estruturais e texturais, bem como as evidências petrológicas e os padrões geocronológicos e geoquímicos apresentados pelas rochas estudadas, permitem a caracterização dessa faixa como de típico cinturão móvel (**mobile belt**) ensialico. O relacionamento complexo entre os vários tipos litológicos é condicionado pelo carácter policíclico da faixa estudada, onde ocorreram diversos processos (plutonismo, migmatização, metamorfismo, deformação, anatexis ou palingênese, etc) em diferentes fases pré-Cambrianas, muito provavelmente, sendo atribuída ao Arqueano a fase primordial geradora de rochas. Pelas descrições dos processos atuantes no Arqueano, Proterozóico Inferior, Proterozóico Superior e Fanerozóico chega-se a uma postura não uniformitarista em relação aos regimes tectônicos que afetaram esta porção da Província Mantiqueira, no norte fluminense, atribuindo-se-lhe rápido crescimento no Arqueano por fenômenos plutônicos; cisalhamento intenso no Proterozóico Inferior; predominância de eventos termais e reativações deformacionais no Proterozóico Superior e processos tracionais no Fanerozóico. Desta maneira estabelecem-se grandes discontinuidades entre cada uma das eras geológicas. Os **trends** estruturais foram impressos por ocasião da implantação do cinturão cisalhante (**thrust belt**) no Ciclo Transamazônico, estruturando-se quase que, invariavelmente, na direção $N50^\circ - 60^\circ E$, a qual é mantida nas reativações que sobrevieram. Rochas originalmente geradas em níveis crustais diferentes, por conseguinte exibindo paragêneses de facies diferentes, podem, hoje, ocupar posições contíguas devido às movimentações tectônicas que aconteceram, mais energicamente, no Ciclo Transamazônico, mas que, seguramente, foram reativadas no Brasiliano e em épocas posteriores. Por isso, não é necessário admitir exumações exageradas para o aparecimento de rochas catazonais.

1986

PETROGÊNESE DO VULCANISMO E ASPECTOS METALOGENÉTICOS ASSOCIADOS: GRUPO SERA DO ITABERABA NA REGIÃO DE SÃO ROQUE - SP

Rochas vulcanoclásticas efusivas, químicas (formações ferríferas, calcio silicáticas, carbonáticas) e pelíticas constituem seqüência vulcano-sedimentar metamórfica que ocorre a NE da cidade de São Paulo, tradicionalmente considerada área de ocorrência do Grupo São Roque. A seqüência vem sendo mapeada a nível de semidetalhe, revelando o conjunto petrogenético e geoquímico, feições que suscitam interesses geoeconômicos, com mineralizações de ouro e ocorrências de sulfetos, além de dúvidas quanto à colocação estratigráfica supracitada. Neste trabalho, serão detalhados alguns aspectos do intervalo vulcânico da seqüência, na qual ocorrem rochas vulcanoclásticas de preservação remarcável. São rochas de composição básica com estruturas de brechas e tufos autoclásticos, possíveis hialoclastitos com fragmentos de metabasaltos, vidro vulcânico devitrificado, amígdalas removidas por fragmentação e raros fragmentos vulcânicos de composição intermediária. Existem também evidências de vulcanismo explosivo pela presença de ejétolitos na formação ferrífera. As vulcânicas básicas variam texturalmente de ofíticas-grã grossa a média, intersertal fina e hialofítica, ocorrendo ainda tipos porfiríticos. Tem-se sempre que presente as rochas vulcânicas sulfetos (pirrotita, pirita e subordinadamente calcopirita). No contexto geral da seqüência vulcano-sedimentar tem-se mineralizações auríferas associadas às rochas vulcanoclásticas e de sulfetos, tanto nas rochas metabásicas / vulcanoclásticas como em níveis distintos dos metassedimentos, caracterizando processos magmáticos, hidrotermais singenéticos e exalativos. Tal ambientação, bastante característica e distinta do clássico São Roque, aliada aos aspectos de formacionais, geotectônicos e geocronológicos preliminares levam a crer tratar-se de seqüência geológica distinta e anterior ao Grupo São Roque à qual, propõe-se a denominação do Grupo Serra do Itaberaba.